ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O PAPEL DA HORTA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS ECOLÓGICOS

Élida Roberta Lopes de Carvalho[1]
Walmir de Melo Ferreira[2]
Marta Roberta Lira De Melo [3]
Erika Fabrícia Ramos Neves Calado [4]
Maria Jucilene Barbosa Torres [5]
Roberto Araújo Sá [6]

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental constitui uma dimensão formativa que busca promover a compreensão das relações entre os seres humanos, a sociedade e a natureza, contribuindo para a construção de atitudes responsáveis diante dos desafios socioambientais. No contexto escolar, sua abordagem ganha força quando ultrapassa a exposição de conceitos e oferece aos estudantes oportunidades de observar, experimentar, participar e refletir sobre situações concretas do cotidiano, permitindo relacionar a educação ambiental com educação alimentar e valores sociais, tornando possível a participação dos sujeitos, desenvolvendo uma sociedade sustentável através de atividades voltadas para Educação Ambiental.

Nesse sentido, a horta escolar configura-se como um espaço pedagógico capaz de aproximar os conteúdos curriculares das práticas de sustentabilidade, do cuidado com o ambiente e da alimentação saudável. O cultivo de plantas permite que os estudantes acompanhem processos naturais, compreendam necessidades de desenvolvimento das culturas e discutam temas como solo, água, biodiversidade, consumo e aproveitamento dos alimentos. A horta, portanto, não se limita à produção de vegetais: pode constituir um ambiente de investigação, convivência e aprendizagem interdisciplinar.

A Política Nacional de Educação Ambiental, instituída pela Lei nº 9.795/1999, estabelece a importância da Educação Ambiental nos processos educativos formais e não formais. De modo convergente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores relacionados à

[1] Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade de Pernambuco- UPE, elidaanaelo@gmail.com;
[2] Especialista em linguística pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL, Wmfwalmir@gmail.com;
[3] Especialista em Gestão e Planejamento Educacional pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins, martinha-g12@hotmail.com;
[4]Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) – UFPE – CAA, erikacalado1971@gmail.com;
[5]Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Educacional da LAPA (FAEL), jucilenetorres876@gmail.com;
[6] Doutor em Química pelo Programa de Pós-Graduação em Química, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Núcleo de Formação Docente, CAA/UFPE, roberto.asa@ufpe.br

ISSN: 2358-8829

responsabilidade, à cidadania e à sustentabilidade (BRASIL, 1999; BRASIL, 2018). Essas orientações oferecem respaldo para práticas escolares que relacionem os conhecimentos científicos às experiências vividas pelos estudantes.

Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da horta escolar para o desenvolvimento da Educação Ambiental e para a formação de sujeitos ecológicos em uma escola pública municipal de Palmares, Pernambuco. A reflexão parte da experiência desenvolvida na Escola Municipal Fernando Augusto Pinto Ribeiro, integrada a uma ação intersetorial articulada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). A relevância do relato está em sistematizar possibilidades pedagógicas que valorizem o protagonismo estudantil, a cooperação e a responsabilidade socioambiental.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como relato de experiência, de abordagem qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica e na descrição e análise das ações realizadas na horta escolar da Escola Municipal Fernando Augusto Pinto Ribeiro, localizada no município de Palmares–PE. A experiência integrou uma ação intersetorial articulada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), aproximando a prática pedagógica de questões relacionadas à Educação Ambiental, à sustentabilidade e à alimentação saudável.

A sistematização da experiência tomou como foco as atividades descritas no registro que fundamenta este artigo:

i) Preparação do espaço destinado ao cultivo,
ii) Plantio das mudas e sementes nos canteiros da horta escolar;
iii) Acompanhamento do desenvolvimento das culturas, cuidados com a horta e colheita.

Essas ações foram consideradas em sua dimensão educativa, observando-se as possibilidades de participação dos estudantes, de cooperação entre os envolvidos e de aproximação entre conhecimentos escolares e situações vivenciadas no espaço de cultivo.

A análise foi organizada em eixos interpretativos: horta como ambiente de aprendizagem; interdisciplinaridade e articulação entre teoria e prática; protagonismo e cooperação estudantil; e desenvolvimento de atitudes de cuidado e responsabilidade socioambiental. O procedimento não se propõe a mensurar impactos por meio de indicadores quantitativos, mas a refletir sobre as potencialidades pedagógicas evidenciadas na experiência relatada.

ISSN: 2358-8829

Como limite metodológico, destaca-se que o material de origem não apresenta número de participantes, instrumentos formais de coleta, entrevistas, questionários ou medidas comparativas de aprendizagem. Por essa razão, os resultados são apresentados de forma descritiva e interpretativa, sem atribuir à experiência efeitos quantitativos não documentados. A utilização de registros fotográficos deve observar a autorização de uso de imagem e as normas institucionais aplicáveis.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Ambiental, entendida como processo contínuo de formação, envolve a construção de conhecimentos e valores que favoreçam a participação responsável na proteção do ambiente. A Lei nº 9.795/1999 institui a Política Nacional de Educação Ambiental e reforça a necessidade de sua presença articulada nos processos educativos. Essa perspectiva contribui para que a escola trate as questões ambientais não como assunto isolado, mas como tema relacionado à vida coletiva, às escolhas cotidianas e às formas de organização da sociedade (BRASIL, 1999).

Corroborando à essa perspectiva, a Base Nacional Comum curricular - BNCC também oferece fundamentos para práticas pedagógicas que estimulem a investigação, a argumentação, a responsabilidade e a tomada de decisões em situações do cotidiano. Quando vinculada à horta escolar, essa orientação pode se concretizar em observações sobre o crescimento das plantas, comparações entre condições de cultivo, registro de mudanças, discussão sobre o uso da água e reflexão acerca da origem dos alimentos. Assim, conteúdos de Ciências da Natureza podem dialogar com Matemática, Linguagens e Ciências Humanas, respeitando os objetivos de aprendizagem de cada etapa escolar (BRASIL, 2018).

Além disso, o trabalho pedagógico com a horta escolar também se articula à Agenda 2030, especialmente ao ODS 4 — Educação de Qualidade, pela formação voltada à sustentabilidade; ao ODS 2 — Fome Zero e Agricultura Sustentável, pela abordagem da produção de alimentos e do cultivo sustentável; e ao ODS 12 — Consumo e Produção Responsáveis, pela reflexão sobre o uso dos recursos naturais e o desperdício de alimentos. Essa articulação amplia as possibilidades de relacionar as aprendizagens escolares às questões socioambientais do cotidiano (Organização das Nações Unidas, 2015).

Neste contexto, as hortas escolares têm sido discutidas como espaços que integram dimensões ambientais e alimentares. Penz, Biondo e Righi (2023) abordam as hortas escolares no campo da Educação Ambiental e alimentar, destacando a presença desse tema na produção acadêmica. Barreiros e Farias (2024), por sua vez, tratam das potencialidades, dos desafios e

ISSN: 2358-8829

das perspectivas das hortas escolares. Essas referências ajudam a situar a experiência em um debate que reconhece o valor educativo do cultivo, ao mesmo tempo que evidencia a importância do planejamento, da continuidade e do envolvimento da comunidade escolar.

A horta escolar também pode ser compreendida como um espaço de aprendizagem que articula investigação, participação e diferentes áreas do conhecimento. Segundo Martins et al. (2026, p. 1), "a horta estimula um trabalho pedagógico dinâmico, participativo, prazeroso e transdisciplinar, proporcionando descobertas e gerando aprendizados múltiplos". Nessa perspectiva, o cultivo ganha sentido educativo quando o plantio, o acompanhamento das plantas e a colheita são acompanhados de perguntas, registros e discussões sobre as relações entre alimentação, solo, água e ações humanas.

Para contribuir com essa formação, as experiências na horta precisam integrar um trabalho pedagógico contínuo. Berwaldt e Uhmann (2025, p. 20) ressaltam que "o currículo escolar precisa relacionar os projetos culturais de forma permanente e interdisciplinar na escola". Assim, a horta pode integrar o planejamento escolar como espaço de reflexão sobre os hábitos de consumo, a produção de alimentos e a responsabilidade coletiva pelo ambiente. Essa continuidade permite retomar conhecimentos e discutir as decisões tomadas ao longo do cultivo, aproximando as atividades práticas de uma formação ambiental crítica.

A noção de formação de sujeitos ecológicos, adotada neste trabalho, relaciona-se à construção de modos de compreender e agir que considerem a interdependência entre seres humanos e ambiente. Nesse processo, atividades práticas podem contribuir para tornar perceptíveis as relações entre cuidado, uso de recursos naturais e responsabilidade coletiva. A horta escolar favorece essa aproximação ao colocar os estudantes em contato com tarefas que exigem observação, compromisso e colaboração, criando oportunidades para relacionar o conhecimento discutido em sala de aula às decisões e atitudes cotidianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência analisada evidenciou a horta escolar como um laboratório vivo de aprendizagem. Diferentemente de uma abordagem exclusivamente expositiva, o espaço de cultivo permitiu aos estudantes acompanhar etapas concretas, desde a preparação do local até os cuidados com as plantas e a colheita. O contato direto com essas atividades ampliou as oportunidades de observação e de construção de relações entre os conteúdos escolares e os processos presentes na natureza.

O primeiro eixo identificado refere-se à aprendizagem por meio da experiência. A participação no plantio e no acompanhamento das culturas possibilitou abordar, em situações

ISSN: 2358-8829

concretas, as necessidades das plantas e a importância dos cuidados contínuos. A horta tornou-se, assim, um recurso pedagógico para formular perguntas, observar mudanças e relacionar ações humanas às condições de desenvolvimento dos vegetais. Embora o relato não apresente avaliações padronizadas de aprendizagem, a experiência descrita demonstra potencial para enriquecer a compreensão dos temas trabalhados.

Os achados dialogam com a legislação e com as referências que reconhecem a relevância da Educação Ambiental nos processos formativos (BRASIL, 1999; BRASIL, 2018; PENZ; BIONDO; RIGHI, 2023). A experiência também converge com a discussão sobre potencialidades e desafios das hortas escolares apresentada por Barreiros e Farias (2024). Para que esse potencial se mantenha, é necessário garantir planejamento pedagógico, divisão de responsabilidades, manutenção do espaço e articulação com a comunidade escolar. Sem continuidade, a horta corre o risco de se tornar uma ação pontual, com menor capacidade de sustentar aprendizagens ao longo do tempo.

Desse modo, a principal contribuição identificada não está em resultados numéricos, ausentes no registro consultado, mas na ampliação das situações educativas disponíveis à escola. Ao aproximar estudantes de práticas de cultivo e cuidado, a horta possibilita vivenciar questões ambientais de maneira contextualizada e favorece o diálogo entre conhecimento, ação e responsabilidade. A experiência aponta, portanto, para a importância de integrar a horta ao planejamento curricular e de registrar sistematicamente as atividades, as aprendizagens percebidas e os desafios enfrentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência desenvolvida na Escola Municipal Fernando Augusto Pinto Ribeiro, em Palmares–PE, permite considerar a horta escolar uma estratégia pedagógica relevante para a Educação Ambiental. As atividades de preparação do espaço, plantio, acompanhamento das culturas, cuidados e colheita aproximaram os estudantes de processos naturais e favoreceram a articulação entre conteúdos escolares e situações concretas.

O relato destaca quatro contribuições principais: a horta como laboratório vivo de aprendizagem; a possibilidade de práticas interdisciplinares; o estímulo ao protagonismo e à cooperação; e a abordagem integrada de sustentabilidade, uso responsável dos recursos naturais e alimentação saudável. Esses aspectos podem colaborar com a formação de sujeitos ecológicos, entendida aqui como processo contínuo de construção de consciência, atitudes de cuidado e responsabilidade socioambiental.

Conclui-se que a horta escolar apresenta maior potencial formativo quando integrada ao planejamento pedagógico, acompanhada de forma contínua e articulada às diferentes áreas do conhecimento. Para isso, o envolvimento dos professores, da gestão e dos estudantes é fundamental, tanto na organização das atividades quanto no compartilhamento das responsabilidades, favorecendo a continuidade da proposta e sua consolidação como prática educativa no cotidiano escolar.

Por fim, a experiência reforça que a Educação Ambiental se fortalece quando os estudantes participam de práticas nas quais podem observar, cuidar, refletir e agir coletivamente. A horta não substitui o trabalho curricular, mas oferece um contexto significativo para desenvolvê-lo e para aproximar a escola das questões socioambientais presentes na vida cotidiana.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Horta Escolar; Sujeito Ecológico; Agroecologia; Sustentabilidade.

REFERÊNCIAS:

BARREIROS, A. O.; FARIAS, L. A. Hortas escolares: potencialidades, desafios e novas perspectivas. Revista Brasileira de Educação Ambiental, 2024.

BERWALDT, Cláudia Böck; UHMANN, Rosangela Inês Matos. O currículo e as perspectivas da Educação Ambiental em contexto escolar. Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental, Rio Grande, v. 30, n. 1, p. 1–23, 2025. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/16679. Acesso em: 24 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. Programa Nacional de Educação Ambiental ProNEA. 5. ed. Brasília, DF, 2019.

Dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, DF, 1999.

MARTINS, Juarez Alves; FENNER, André Luiz Dutra; SILVA, Maxsuel; BARBOSA, Jean Carmo. A horta pedagógica agroecológica: cultivando equilíbrios e criando conexões. Cadernos de Agroecologia, [S. l.], v. 21, n. 1, 2026. Anais do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. [S. l.]: ONU, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel. Acesso em: 24 out. 2026.

PENZ, D. C. F.; BIONDO, E.; RIGHI, E. As hortas escolares na Educação Ambiental e alimentar: uma análise qualitativa e bibliométrica. Revista Brasileira de Educação Ambiental, v. 18, 2023. BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.